

10.

# Extensão Universitária e Inovação: O Laboratório de Design Solidário

## *University extension and innovation: The Laboratory for Solidarity Design*

**Claudio Roberto y Goya**  
UNESP BAURU  
goyaclaudio@hotmail.com

**Juliana Soares de Souza**  
UNESP BAURU  
soares.s.juliana@gmail.com

**Marcelo Selmini**  
UNESP BAURU  
marcelo.selmini@hotmail.com

O presente artigo apresenta a trajetória do Projeto de Extensão Universitária Laboratório de Design Solidário, Labsol, do Departamento de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no campus de Bauru. O Labsol atua na área do Design Social relacionando uma perspectiva que atua na relação entre o design e o artesanato, por meio do atendimento, numa relação dialógica, às comunidades produtoras de artesanato, tendo como objetivos a geração de trabalho e renda. O Labsol se organiza em 2007 por iniciativa do professor coordenador e um grupo de alunos voluntários e nos anos que se seguem adota pressupostos teóricos que abarcam o Ecodesign, a Sustentabilidade, a Economia Solidária e a Dialogicidade. Foram anos atendendo às comunidades quando solicitado, desenvolvendo produtos que procuravam destacar a identidade cultural dos grupos atendidos, valorizando a cultura local e os diversos modos de fazer. Nos últimos anos destacam-se três ações realizadas pelo LABSOL por meio de parcerias com a Associação Arte e Convívio de Botucatu, a Associação Cornélia Maria Elizabeth van Hylckama Vlieg em Sousas, Campinas e a Escola de Samba Coroa Imperial da Grande Cidade em Bauru, todas no Estado de São Paulo.

**Palavras-chave** Design, Inovação, Ecodesign, Sustentabilidade, Artesanato.

*This paper presents the trajectory of Labsol – Laboratory for Solidarity Design, a Science Outreach Project at Unesp - Univ. Estadual Paulista, inside the Department of Design of the School of Architecture, Arts and Communication, campus of Bauru. The Labsol works in the area of Social Design relating a perspective that acts on the relationship between design and crafts through counseling activities, in a dialogic relationship, with craft communities, with the objective to generate jobs and income. The Labsol was organized in 2007 through the initiative of a coordinating professor and a group of volunteer students, and in the years following it adopted theoretical assumptions that include Ecodesign, Sustainability, Solidarity Economy and Dialogicity. Several years were dedicated to communities by developing products that sought to highlight the cultural identity of the groups served, valuing the local culture and different ways of manufacturing. In recent years we highlight three actions taken by Labsol through partnerships: Arte e Convívio Association of Botucatu, the “Cornelia Maria Elizabeth van Hylckama Vlieger” Association in Sousas, and the Samba School “Coroa Imperial da Cidade Grande” in Bauru, all in the São Paulo state.*

**Keywords** Handcraft, Innovation, Ecodesign, Sustainability, Product Design

## Introdução

O projeto de extensão universitária Laboratório de Design Solidário - Labsol, pertence ao Departamento de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no campus de Bauru, interior de São Paulo e iniciou sua atuação em 2007, por iniciativa do Prof. Dr. Claudio Roberto y Goya. O projeto desenvolve um interessante trabalho, aliando os conhecimentos do Design à produção artesanal, desenvolvendo novos produtos que reflitam aspectos identitários, sociais, históricos e culturais de cada grupo ou comunidade produtora de artesanato atendidos em diversas regiões do Brasil.

O Labsol surgiu em 2007, após a visita do referido professor a uma feira de caridade, no município de Bauru. Na ocasião, ele encontrou a venda tapetes confeccionados por tiras de tecido amarrados uma a uma, sobre um tecido rústico de juta, conhecidos como “tapetes de nozinho”, um processo bastante lento e trabalhoso que era vendido ao preço ínfimo de cinco reais. Indignado com o fato de um trabalho humano ser tão insuficientemente valorado, resolveu que a Universidade, mais especificamente a área de conhecimento do Design, poderia contribuir para melhorar essas condições. Convidou primeiramente um aluno, que convidou outros colegas e juntos voluntariamente foram visitar a instituição responsável pela confecção e venda dos tapetes.

A Instituição Beneficente Cristã abriga pessoas com transtornos mentais diversos, que mesmo após o processo de desinstitucionalização dos tratamentos psiquiátricos, não possuíam mais referência ou contato com suas famílias, ou seja, não teriam para onde ir. O trabalho consistia em técnica de terapia ocupacional e os pequenos ganhos serviam para o custeio de algumas necessidades imediatas. Após se inteirar do processo de produção, verificou-se a prevalência de esforços repetitivos, cada interno se atinha a apenas uma tarefa, além de outros elementos que interferiam na qualidade do produto final.

O grupo sugeriu inicialmente que os retalhos fossem organizados por cores, e que os trabalhadores pudessem escolher com que cores pudessem trabalhar, que o forro feito de retalhos fosse retirado do produto e que se criassem linhas sobre o forro de juta para guiar a amarração dos retalhos de malha, além do rodízio nas diferentes atividades de confecção dos tapetes. Somente estas pequenas alterações que conferiram aos tapetes melhor acabamento e uma palheta mais definida de cores, possibilitaram a sua comercialização por valores que a princípio quadruplicaram seu valor de venda. A partir disto, o grupo se propôs a criar novos objetos a partir dos tapetes: almofadas, poltrona, puff entre outros, procurando criar outros tipos de tarefas, além das de cortar e amarrar retalhos, foi criado um “toy art” juntando à base de tapete pequenas peças costuradas e bordadas, construindo uma peça que usava um quarto de área de um tapete original e era comercializado ao valor de 15 reais, lembrando que o tapete era inicialmente comercializado a 5 reais. (Figura 1)

**Figura 1.** Usuária do Associação Beneficente Cristã, Toys criados a partir da intervenção do Labsol, Cadeira D. Maria I e puff em exposição na Reitoria Unesp em São Paulo.  
**Fonte.** Acervo Labsol.



A experiência bem sucedida incentivou o recém formado grupo a se lançar a outros trabalhos, tendo como norte levar o conhecimento do design à parcela da população que não o acessa. O fato desta ação ter aparecido na mídia local e seus resultados apresentados em um evento científico levaram novos grupos produtores de artesanato a entrar em contato com a Universidade. Novas ações foram surgindo e o grupo foi se consolidando com a chegada de novos alunos. Esse novo panorama faz surgir a necessidade de se institucionalizar, baseando-se a princípio em projetos similares, como por exemplo, o projeto Design Solidário, realizado por A CASA, Museu Virtual de Artes e Artefatos Brasileiros, em parceria com diversas entidades, entre as quais a Design Academy Eindhoven, (BASTIAN, 2001).

Com o registro do projeto na Pró-reitoria de Extensão Universitária da Unesp, trabalhando agora com bolsistas e voluntários e demandas surgindo, era o momento de construir a identidade, metodologia e os princípios teóricos que o norteariam, apoiado sobretudo pela aproximação da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares como laboratório associado, resultou na imersão e na profunda pesquisa bibliográfica que resultaram na eleição de seus pilares conceituais: o Ecodesign, a Sustentabilidade e a Economia Solidária e principalmente o pensamento de Paulo Freire no que toca ao relacionamento com os grupos de artesãos. Uma vez que se considerou que o que se estabelecia era uma troca de saberes, o artesão detinha um saber e o Design, um outro tipo. Quando eles se somassem, ou se trocassem, constituiriam uma nova plataforma desconhecimento.

Decidiu-se ainda que a demanda seria espontânea, ou seja, os grupos deveriam procurar o LabSol e não o contrário, pois pelos princípios da economia solidária é fundamental respeitar a autonomia dos grupos e não se interpor, não sugerir ao grupo que ele precisa melhorar seu processo sem que ele, por si só, perceba essa necessidade.

O projeto, prestes a completar dez anos de existência, perdura graças a escolha acertada na condução das demandas e da participação dos alunos. Passaram pelo LabSol dezenas de graduandos dos cursos de Design, Relações Públicas e Engenharia de Produção, que foram trazendo seu frescor, aprendendo e ensinando, numa experiência descrita pelos participantes do projeto invariavelmente como única e inestimável. Foram centenas de produtos criados em parceria com dezenas de grupos e comunidades atendidas.

Com o decorrer do tempo verificou-se a necessidade do registro das atividades do Labsol, principalmente para a memória do projeto e para que os novos participantes se inteirassem das reflexões e dos trabalhos já realizados, a assim a produção acadêmica do projeto se inicia e se sistematiza, por meio de artigos apresentados em congressos, periódicos e capítulos de livros, na importante divulgação dos resultados para comunidade acadêmica além de proferir palestras de divulgação cultural, função intrínseca da universidade, que por sua vez tem fomentado a procura por parte das comunidades, reavivando a possibilidade de disseminar a contribuição por uma sociedade socialmente justa e ambientalmente correta.

### **Pilares do Labsol**

Com o passar dos anos o Labsol desenvolveu sua reflexão teórica, apoiando-se em bases conceituais que referenciam seu trabalho: A Sustentabilidade, o Ecodesign, o Design Social, a Economia Solidária e a Dialogicidade que o guia no relacionamento com os grupos atendidos.

Sustentabilidade faz referência às condições sistêmicas, segundo as quais em nível regional e planetário, as atividades humanas não devem interferir nos ciclos naturais em que se baseia tudo o que a resiliência do planeta permite, e ao mesmo tempo, não devem empobrecer seu capital natural, que será transmitido às gerações futuras (MANZINI & VEZZOLI, 2008, p.27).

O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades. Essa preocupação tornou-se frequente nas últimas décadas, repercutindo mundialmente, principalmente entre os países mais industrializados. (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD 1988).

Entende-se, portanto, que sustentabilidade é a capacidade de determinado grupo, de manter-se em um meio evitando acarretar estes impactos e perturbações graves. Na proposta organizacional humana, que haja harmonia na convivência entre a natureza e o homem, obstando danos à biodiversidade e ecossistemas locais e planetários.

Ecodesign é o termo para a tendência, em que o objetivo principal é projetar lugares, produtos e serviços que, de alguma forma reduzam o uso de recursos não renováveis ou minimizem o impacto ambiental, e tem sido visto como uma ferramenta necessária para que algum dia se alcance o desenvolvimento sustentável.

Para Manzini e Vezzoli (2008), o ecodesign consiste no estudo e na análise dos recursos renováveis e não renováveis, além dos resíduos gerados, com a finalidade de criar formas de aplicação na produção de novos produtos. Pretende-se ampliar a vida útil desses dos recursos, minimizando o impacto ao meio ambiente.

Explicitam ainda que Ecodesign é “uma aptidão projetual, que concebe os aspectos do projeto, considerando também o impacto ambiental” (Manzini e Vezzoli, 2008, p. 18), e “considera-se o produto desde a extração dos recursos necessários para a produção dos materiais que o compõem (nascimento) até o último tratamento (morte) desses materiais após o uso do produto”. (Manzini e Vezzoli, 2008, p.91).

É possível encontrar relação entre o Ecodesign e o Life Cycle Design (Ciclo de Vida do Produto), que por sua vez compreende a busca pela redução dos «inputs» e «outputs» durante o ciclo de vida de determinado material ou produto, promovendo modificações nos processos de fabricação e desenvolvimento dos mesmos, reduzindo os impactos ambientais por eles causados. Esse declínio ocorre devido a fatores decididos durante a pré-produção, produção, distribuição, uso, reutilização e descarte do produto. Adentrando ao contexto do ciclo de vida, considera-se a possibilidade de reciclagem e/ou reutilização de seus materiais e/ou componentes, promovendo um acréscimo de tempo na vida útil dos materiais e produtos já produzidos.

As bases do Design Social foram fundadas por Papanek (1977) quando afirma que os designers têm a responsabilidade e a possibilidade de fazer mudanças no mundo através do Design, e que o Design deveria se preocupar com as necessidades humanas e sociais avançando sobre o pensamento Ulmiano do Design a serviço da sociedade de consumo. Assim, o Design Social é uma abordagem de projeto que enfatiza as motivações e consequências sociais do processo de Design e tem como objetivo desviar o foco do Design no produto na elite econômica e no consumismo, promovendo o desenvolvimento social.

Economia Solidária tem em sua base a subversão da lógica capitalista e toda a formação da sociedade que sua prática engendra. Do modo de produção capitalista, deriva-se a competitividade e a prevalência do capital, em detrimento do ser humano. Singer (2002) elucida os efeitos da competição, muitas vezes escondidos, que são os perdedores da constante competição e as consequentes e crescentes desigualdades sociais decorrentes. Para que a economia não seja mais produtora de desigualdades é necessário cessar a competição e iniciar a solidariedade.

Assim sendo, Singer define que a Economia Solidária:

*"[...] é uma economia de mercado com base associativista e cooperativista, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, buscando a valorização do ser humano e não do capital, dentro de um processo de democratização econômica" (SINGER, 2002).*

Dentro desse meio, as decisões são tomadas em conjunto buscando o benefício mútuo, pois são fundamentadas nos conceitos de cooperação, preservação dos recursos naturais e igualdade de poder na tomada de decisões e conseqüente responsabilidade para com a comunidade local onde o empreendimento está inserido.

A Dialogicidade é um dos principais pressupostos em que se base a teoria freiriana. O diálogo nasce na prática da liberdade, enraizado na existência, comprometido com a vida, que se historiciza no seu contexto. Seu oposto seria a educação bancária, aquela onde inexistente o diálogo e as informações são depositadas no indivíduo, constituindo assim prática antialógica, como explica no seu livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987).

Pode-se definir que a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade. O diálogo é tratado como um fenômeno humano em Paulo Freire,

*"[...] se nos revela como algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também seus elementos constitutivos" (FREIRE, 1987, p.89).*

Não há palavra que não seja práxis, ou que não surja da práxis, quando pronunciamos a palavra, estamos pronunciando e transformando o mundo. Na dialogicidade estão sempre presentes as dimensões da ação e da reflexão. Ao pronunciar o mundo mostramos que humanamente existimos, se existimos, agimos e modificamos o mundo dado. Quando não há verdadeiro diálogo, não há encontro, amorosidade e respeito.

Podemos sintetizar isso expondo que:

*"O diálogo é este encontro dos homens, imediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito" (FREIRE, 1987, p. 91).*

Daí que concluímos que o diálogo é uma exigência existencial, é encontro.

### **Arte e Convívio**

O contato com este grupo ocorreu por intermédio da Design Possível que desenvolvia uma etapa do projeto "Fortalecendo a Rede de Saúde e Economia Solidária do Estado de São Paulo: Construindo a Base de Serviço do Cooperativismo Social e Economia Solidária". O conteúdo foi desenvolvido com base na tecnologia social "Possíveis Empreendedores" que consiste na formação técnica e empreendedora, certificada pela Fundação Banco do Brasil em 2009, 2011 e 2013, e objetiva o desenvolvimento pessoal e profissional dos atendidos, de forma aplicada propondo soluções aos desafios que permeiam a estruturação do empreendimento da Economia Solidária. O desenvolvimento de produtos tem o propósito de trabalhar uma sistemática onde os empreendimentos possam reaplicar o processo quando necessário. O sistema busca identificar e analisar problemas existentes relacionados ao produto ou serviço dos empreendimentos, a fim de construir um método para solucionar essas questões através do planejamento de ações a curto e longo prazo que resultarão na resolução do problema. Por meio do diagnóstico realizado, pela Design Possível, identificou a necessidade de aprimorar seus produtos e conhecendo a trajetória do Labsol, foi realizado o convite.

O Laboratório participou das reuniões finais da parceria com a Design Possível, com o intuito de conhecer a problemática, e pode reconhecer muitas potencialidades e oportunidades de ajustes. Foram sugeridas intervenções, acatadas pelos técnicos da associação e dirigentes e a partir de então, alguns trabalhos foram realizados. O primeiro passo, parte da estratégia escolhida para acolher as demandas da associação, foi a participação nas reuniões nos grupos de trabalho a que fomos convidados. A Associação é bastante versátil, e conta com oficinas de trabalho, que são autossuficientes do ponto de vista da gestão da sua produção e criação de seus produtos.

A oficina de mosaico cerâmico aplica esta técnica em diversos objetos. Entretanto o material cerâmico usado na sua produção tem um custo elevado e como alternativa o Labsol pesquisou outros materiais locais que poderiam ser utilizados, como seixos rolados, resíduos de madeira, bambú e mesmo resíduos plásticos reduzindo o custo de produção e criando objetos diferenciados. (Figura 2) A oficina de costura fabrica entre outros objetos, jogos pedagógicos com boa aceitação no mercado, que consiste em peças confeccionadas artesanalmente, utilizando principalmente de feltro de cores diversas. Foi proposta a melhoria da embalagem do jogo, que era confeccionada em tecido que não permitia a visualização de seu conteúdo. A sugestão foi uma embalagem em plástico, debruada com tecido na sua abertura, que funciona com fecho. (Figura 2)

A cidade de Botucatu é conhecida como a Capital Nacional do Saci, e a Associação Arte Convívio utilizava imagens de saci capturadas na internet. A sugestão do Labsol foi organizar oficinas de

Design Gráfico participativo, envolvendo funcionários e usuários sob coordenação do Labsol com um excelente resultado, fortalecendo a identidade do grupo, com objetos gráficos criados coletivamente representando a cultura local. (Figura 2)

**Figura 2.**

Mosaico aplicado em vaso a partir de bambu e resíduos plásticos, Embalagem do Jogo pedagógico antes e depois da assessoria do Labsol, Oficina de design gráfico participativa.

**Fonte.** Acervo Labsol



A oficina de encadernação possui uma enorme variedade de produtos de papelaria, esta diversidade esbarrava no aproveitamento racional da matéria prima além de não permitir a compra de materiais em grandes lotes. Procurou-se organizar a produção de papelaria reduzindo os modelos e criando linhas de produtos, de maneira que os diversos produtos de uma mesma linha pudessem dialogar entre si. Foram criadas as linhas: Glam, Chiquita, e Raizes esta produzida a partir de estamperia artesanal. (Figura 3)

Durante o processo de trabalho com a Arte Convívio verificou-se que a loja onde os produtos eram expostos não atendia as expectativas dos próprios dirigentes. Compreendendo a demanda, reorganizou-se o espaço criando novos moveis a partir de peças existentes e criando uma lógica na exposição das peças.

**Figura 3.**

Cadernos da linha Raizes, linha Chiquita e linha Glam, criados durante a parceria com o Labsol.

**Fonte.** Arquivo Labsol



O maior projeto realizado na parceria com a Arte e Convívio consistiu na criação e elaboração de um espaço destinado à um café-lanchonete, em um hospital psiquiátrico do município de Botucatu. O projeto definido coletivamente criou um espaço delimitado por balcões confeccionadas com madeira de reflorestamento. Para a decoração foram usados quadros de usuários da associação e foi aplicado tecido de chita na cozinha, que dialogava almofadas, toalhas, uniformes e com as peças gráficas do café criadas a partir de uma releitura do logotipo da associação. (Figura 4)

**Figura 4.**

Vista geral do Café Arte Convívio, peças gráficas e uniformes.

**Fonte.** Arquivo Labsol



### Associação Cornélia Vlieg

A Associação Cornélia Vlieg, em Campinas, SP, foi fundada no ano de 2002, com o propósito de atender à população de baixa renda que apresenta quadros de doença mental, vulnerabilidade social e sem oportunidade de inserção no mercado formal de trabalho. Nas oficinas, essas pessoas são inseridas no convívio social por meio do trabalho, exercendo sua cidadania e tendo uma oportunidade que dificilmente teriam fora dali. O Núcleo conta com quatorze oficinas (Figura 5). A produção de boa parte desses espaços é comercializada no Armazém das Oficinas e a renda é revertida em bolsa-oficina pelos usuários.

Em agosto de 2015 a coordenação da Associação entrou em contato com o Labsol em busca de assessoria, para análise e possível redesign de algumas linhas de seus produtos, dando enfoque às oficinas de Papel Reciclado, Vitral, Ladrilho, Mosaico, Marcenaria, Serralheria, Vela, Vitral Plano e Gráfica. A análise inicial demonstrou que as oficinas são muito bem estruturadas, com boas linhas de produtos e que a principal ação do Laboratório seria o de apontar estratégias que unificassem a produção dos diferentes espaços de modo a criar uma identidade local, com eixos temáticos que percorressem os artefatos produzidos pela associação.

Levando em consideração que, além do Armazém das Oficinas, boa parte da produção é levada a grandes feiras de artesanato do país, como a Mega Artesanal e a Gift Fair, a equipe do Labsol partiu de um tema relacionado à região e a outro de maior apelo comercial: Andorinhas e Zodíaco. As andorinhas são símbolo da cidade de Campinas e representações das mesmas podem ser vistas em praças e diversos lugares da cidade.

O eixo temático Zodíaco, usado nas oficinas gráficas e na de velas, deveria ser aproveitado principalmente pela oficina de Mosaico, visto que foram elaborados pensando na valorização do contorno e na simplicidade das peças utilizadas pelos trabalhadores da área. Além dos desenhos, foram realizadas pesquisas referentes à composição cromática das peças, de modo a auxiliar a criação dos artesãos.

A parceria com a Associação Cornélia Vlieg continua, e no momento o que se busca desenvolver no Labsol, principalmente, são novos designs de produto para a Marcenaria e a Serralheria, além das bases de metal para a Oficina de Vitral, bem como pesquisas acerca dos processos de colorir o vidro.

**Figura 5.**

Visita do Labsol à Oficina de papel, produto da oficina de mosaico, vitrais aplicados na oficina de vitral.

**Fonte.** Arquivo Labsol



### Carnaval

Em 2013, o Labsol foi convidado a compor uma parceria com o projeto NeoCriativa - Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa, a trabalhar no desfile de Carnaval Coroa Imperial 2014. A ideia foi, através da parceria com os projetos de extensão da Unesp, promover e incentivar essa manifestação cultural e artística, colocando a comunidade local em contato com a Universidade. Fundado em 1992, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Coroa Imperial da Grande Cidade é uma escola de samba movida por um grupo familiar tradicional do bairro Núcleo Residencial Presidente Geisel em Bauru, São Paulo e passava no momento por sérias dificuldades estruturais e financeiras, procurando o Labsol sabendo que este trabalhava com materiais recicláveis.

Ao deparar-se com a grande quantidade de materiais e fantasias usadas em outros carnavais no depósito da Coroa Imperial e aplicando os conceitos que norteiam o Labsol de maneira efetiva, passou-se a reciclar materiais e fantasias que se encontravam no barracão, desenvolvendo junto à Escola de Samba uma nova mentalidade a respeito de reaproveitamento.

O enredo foi escolhido no início do mês de setembro e coube aos participantes do projeto junto a comunidade criar as fantasias e alegorias para o desfile. Em outubro de 2013, todos os protótipos haviam sido entregues, com seus respectivos moldes e fichas técnicas.

Após o recesso acadêmico, o Projeto voltou a procurar a escola para avaliar o andamento da confecção das fantasias e o trabalho ainda não havia sido iniciado, faltando pouco mais de um mês para o carnaval. A partir dessa constatação, o que poderia ser feito, senão acompanhar de perto a confecção das fantasias? Em meio às dificuldades encontradas, pode-se superar o envolvimento que o projeto já prevê com as comunidades atendidas. A troca de conhecimentos se intensificou e foi possível aos alunos conhecer ainda mais de perto outra realidade. A convivência passou a ser diária, criando laços entre as pessoas da comunidade. Compreendeu-se então que o conhecimento popular se difunde a partir do fazer e não pelas linguagens eruditas de projeto, prática que o Labsol sempre havia adotado em outros grupos, mas que até aquele momento não havia se dado conta. A Escola de Samba última colocada no desfile anterior obteve um honroso terceiro lugar. (Figura 6)

**Figura 6.**

Carnaval de 2014. Mestre sala e porta-bandeira, comunidade participando da confecção das fantasias de ala, comissão de frente onde foram utilizadas radiografias filetadas no lugar de plumas.

**Fonte.** Arquivo Labsol



Em 2015 o enredo escolhido foi "Quem não dança segura a criança" onde foi possível abordar a dança especialmente pelo seu aspecto cultural e assim representar várias regiões do Brasil. A escolha não foi ao acaso, ela levou em conta os materiais que seriam reaproveitados do desfile de 2014. Foi adotado o uso da chita, material colorido e de baixo custo e que coadunava com o tema escolhido. Outro aspecto importante foi a adoção de fantasias volumosas, de modo a tornar a escola mais compacta e aparentemente maior (Figura 7). Essa decisão foi acertada e resultou no prêmio "Tamborim de Ouro" na categoria "Evolução", conferido pelo programa de televisão especialista em Carnaval de Bauru – o "Casa de Bamba".

**Figura 7.**

Carnaval de 2015. Ala Folia de Reis, Comissão de Frente, Carro alegórico "Boi Bumbá"



O enredo escolhido para o desfile de 2016 procurou representar a América Latina e recebeu o nome “América Mestiça. Mãe, Terra”, a proposta levava em conta o aproveitamento máximo de materiais usados no desfile do carnaval anterior. Com dez alas e quatro carros alegóricos foi contada um pouco da história da formação da América Latina e de suas distintas regiões etnogeográficas. (Figura 8)

Esse desfile corou de êxito a parceria, com notas altas dos jurados e o honroso terceiro lugar, atrás por meio ponto apenas, de uma das maiores escolas da cidade. Além disso, a escola recebeu mais três prêmios, o “Tamborim de Ouro” de melhor fantasia de ala: os “Portugueses”, melhor samba-enredo e melhor harmonia.

O resultado que o projeto comemora foi sua relação mais intensa com uma comunidade e o aprendizado dos alunos, que puderam fazer uso de materiais e técnicas distintas, próprias do carnaval. A Coroa Imperial encontrou na Universidade um caminho para desenvolver seu Carnaval, o que propiciou uma troca mútua de conhecimentos, técnicas e habilidades dos processos criativos. Entre outros frutos, a parceria proporciona a formação dos alunos para além da sala de aula, com espaço para o desenvolvimento das questões sociais e políticas, cumprindo assim com uns dos mais importantes papéis da Universidade Pública.

**Figura 8.**  
Carnaval de 2016 –  
Mestre sala e porta-bandeira,  
ala de passo marcado, destaque  
docarro alegórico “Barroco”.



### Conclusão

O projeto Labsol tem proporcionado aos alunos experiências que só a extensão universitária proporciona. O contato indelével com universos distintos, por meio da convivência com as comunidades, em especial com a comunidade da Coroa Imperial da Grande Cidade, por sua intensidade, forja o caráter e proporciona a oportunidade de promover ações que não se encerram na simples transmissão dos conhecimentos produzidos na universidade, mas se pautam no processo dialógico, onde acontece a troca de saberes. O saber popular, aliado ao conhecimento erudito, formarão um novo saber, que por meio da verificação da realidade se torna efetivo. O saber, produto dessa relação é então, passível de promover mudanças sociais reais e não apenas elucubrações que ficam apenas dentro dos muros da universidade. O aluno que tem a oportunidade de, durante a sua graduação, experienciar o Labsol não se forma apenas como designer, se forma também como cidadão cômico dos seus deveres para com a sociedade.

### Referências Bibliográficas

- ARMAZÉM DAS OFICINAS. *Quem somos*. Disponível em <<http://www.armazemoficinas.com.br/site/quem-somos.html>>. Acesso em 15 mai. 2016.
- ASSOCIAÇÃO ARTE E CONVÍVIO. *Quem Somos*. Disponível em: <[www.arteeconvivio.com.br/%2Fquem\\_somos.html](http://www.arteeconvivio.com.br/%2Fquem_somos.html)>.
- BIRKELAND, J. *Design for sustainability: a sourcebook of integrated, ecological solutions*. London: Stearling, 2002.
- BASTIAN, Winnie. *Design holandês e artesanato brasileiro*. Publicado por A CASA em 29 de Novembro de 2001. Disponível em: <<http://www.acasa.org.br/biblioteca/texto/90>> Acesso em 15 mai. 2016.
- BORGES, Adélia. *Design+Artesanato*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- BREZET, H. VAN HEMEL, C. BÖTTCHER, H. CLARKE, R. *Ecodesign: a promising approach to sustainable production and consumption*: UNEP,1997.
- CAVALCANTI, Claudia. *ARTESANATO, produção e mercado*. Uma via de mão dupla. São Paulo: Central ArteSol, 2002.
- DESIGN POSSÍVEL. *Quem Somos*. Disponível em: <<http://www.designpossivel.org/sitedp/sobre-2/quem-somos/>>. Acesso em 11 de mai. 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª edição, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.
- FREITAS, Ana Luiza Cerqueira de. *Design e artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2011.
- GOYA, C. R. *Carnaval, Cultura Popular e Design - Uma Experiência de Extensão Universitária em Design* In: *Ensaio em Design - Práticas Interdisciplinares*. 1 ed. Bauru: Canal 6 Editora, 2014, p.136-156.
- MANZINI, E.; VEZZOLI, C. *O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis*. São Paulo: USP. 2008.
- PAPANKEKI, Victor J. *Diseñar para el mundo real*. Madrid: Editora Blume: 1977.
- SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.